

FECTI: uma feira de ciências que faz história

Entrevista com Vera Cascon por Monica Santos Dahmouche e Simone Pinheiro Pinto

A FECTI este ano terá sua 18ª edição. Vamos conversar um pouco sobre os diversos aspectos do percurso da feira. Vamos iniciar falando um pouco sobre os objetivos da FECTI - Feira de Ciências Tecnologia e Inovação do estado do Rio de Janeiro, e como ela dialoga com as escolas, sobretudo com o cotidiano dos professores.

Meu nome é Vera Cascon. Eu, atualmente, sou coordenadora geral da FECTI. Nós temos uma grande preocupação com essa interface entre educação formal. É assim que a FECTI atua: educação formal da escola com a educação não formal, através da divulgação que ocorre nesse processo, nessa ação de feira de ciências. Então, a FECTI objetiva incentivar o desenvolvimento de projetos de pesquisa nas escolas. Nós atuamos somente no estado do Rio de Janeiro, porque acreditamos que é um estado grande, no qual vários municípios ainda precisam ser abrangidos, então a gente mantém uma feira estadual. Nós acreditamos que incentivando esse desenvolvimento de projetos de pesquisa nas escolas, nós vamos, primeiro, melhorar essa cultura. Essa questão do projeto de pesquisa como uma ferramenta no ensino, isso, obviamente, é um efeito que se espera que melhore o ensino de ciências e matemática, que melhore a relação dos alunos, dos estudantes, com a escola, que incentive os professores a buscar maior amplitude nas suas ações dentro da sala de aula e para além da sala de aula. Com isso tudo, a gente procura que tenha esse amadurecimento dos alunos, a busca dos estudantes por carreiras de ciência e tecnologia. Na verdade, a FECTI pretende estimular que esses estudantes continuem seus estudos, mesmo que não seja na área de ciências, matemática e tecnologia. E, com isso, a gente contribui também no processo da feira, dessa troca que tem com a população de também incentivar uma cultura científica na população.

Depois de tantos anos à frente da FECTI, tendo organizado várias edições em paralelo com todos os sobressaltos pelo qual o estado passou, como você avalia a trajetória da feira ao longo desses 18 anos?

Bom, a FECTI começou bem pequena. A gente começou com uns 50 projetos e ela foi se ampliando. Houve vários motivos para essa ampliação. Primeiro, a gente começou a incentivar a filiação de feiras. Isso foi importante. Aumentou muito a participação de municípios, de escolas municipais. Nós sempre tivemos apoio da Faperj, mas foi a partir do edital de feiras científicas que a gente conseguiu ampliar o nosso alcance. Então, a gente pode dizer que a FECTI tem ampliado seu alcance. Nós tivemos, como todo mundo, uma questão na pandemia, de ter uma diminuição de participação, mas conseguimos manter a FECTI. Ela ocorreu no formato virtual em 2 anos, 2020 e 2021. Então posso dizer que a trajetória e a constância da FECTI, sendo realizada anualmente sempre, se tornaram uma referência. Os professores já buscam, as escolas já buscam, os municípios já buscam a FECTI, então essa trajetória, eu acredito que seja por essa história de consolidação e de ampliação que foi muito importante com todos os atores envolvidos: a instituição, os órgãos de fomento, os municípios, os colégios que se envolvem. Essa trajetória, eu posso ver como muito positiva. Acho que está rendendo muitos frutos. A gente vê que tem alunos que estão procurando, professores que estão procurando se aperfeiçoar, alunos que estão

procurando estudar mais e escolher carreiras de ensino superior, depois de pós-graduação. É uma trajetória vitoriosa, eu acredito.

As feiras de ciência são uma metodologia de educação já bastante conhecida e explorada. É possível encontrar feiras de ciências de todos os formatos e dimensões. Como a FECTI dialoga com as demais feiras de ciência consolidadas como ela?

Nós temos mantido parceria com algumas feiras nacionais, como a FEBRACE, que é uma feira nacional organizada pela USP, a MOSTRATEC, que é organizada no Sul pela Fundação de Liberato e a CIÊNCIA JOVEM, que é pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco. Essas são as maiores feiras de referência que nós procuramos manter parceria, e nós temos mantido parceria com as nossas feiras afiliadas, que são aqui dentro do estado do Rio de Janeiro, que acredito que a FECTI tem contribuído para consolidar essas feiras também, no sentido que elas têm a FECTI como uma referência, como a culminância do seu trabalho. Então, essas relações têm se mantido, têm se consolidado, e inclusive nós temos tido, esse ano e ano passado, projeto indicado pela FECTI que foi para FEBRACE e depois ganhou muitos prêmios na feira anual internacional da ISEF, que ocorre nos Estados Unidos. Eu acho que são todos esses desdobramentos, essas ações são consolidações dessas parcerias.

A FECTI está inserida na Vice-Presidência Científica da Fundação Cecierj. Como você percebe a FECTI face à missão institucional da Fundação CECIERJ?

A Fundação CECIERJ inclui tanto o ensino formal, como as ações de divulgação científica. No momento em que a FECTI atua nessa interface entre o ensino formal, como eu comentei no início, da educação formal das escolas e essas ações de educação científica, acho que ela se alinha plenamente aos objetivos da fundação CECIERJ. Inclusive, essa questão da inserção dentro do interior do estado, que é uma das grandes missões da fundação.

Vamos pensar no professor lá na escola. Imagine que ele tem desejo e se sente motivado a fazer um trabalho para se inscrever na FECTI. Conte como é o processo de seleção e aprovação dos projetos que serão apresentados na feira? Tem critérios específicos ou etapas que os participantes devam seguir?

Tem critérios e tem várias etapas. Nós somos bastante rigorosos, mas nesse sentido de contribuir para essa formação, tanto dos estudantes como dos docentes. Então, todos eles têm que fazer a inscrição. Atualmente, a gente tem uma plataforma de inscrição, que é a Sisfecti. Então, tanto os que a gente chama de inscrição avulsa, espontânea, como aqueles projetos que são indicados pelas feiras afiliadas, têm que passar por um processo de inscrição. Na avaliação que a gente tem, tem que submeter um relatório no formato de um artigo. Nós oferecemos um modelo tanto para poder homogeneizar essa avaliação, como também para auxiliá-los na elaboração deste relatório no formato de artigo. Então, nesse sentido, eles fazem todo o modelinho do artigo, com introdução etc. A gente faz um modelo simplificado que tem o resumo, a introdução, dentro da própria introdução já vem as justificativas, materiais e métodos, resultados e discussão, as conclusões. Então, eles fazem todo esse modelo e eles são avaliados nessa questão da metodologia, da criatividade, da inovação, da clareza da apresentação e tudo isso são critérios que eles têm que são avaliados. Nós temos uma comissão de avaliação externa

que nem todos participam todo o ano, mas agora a gente tem um banco de avaliadores externo. Estamos com 190 avaliadores. Estamos querendo ampliar porque nem todos podem participar de todas as edições, nem todos podem estar na avaliação presencial. E por que eu estou falando da avaliação presencial? Porque a primeira etapa é a avaliação desse artigo. Nas feiras afiliadas, eles têm uma avaliação presencial porque eles expõem os seus projetos. Então, normalmente, a gente tem visto que são projetos muito bem sucedidos, porque já passaram por uma avaliação da própria apresentação dos estudantes, e eles também têm que fazer um artigo. E agora, desde 2021, a gente está fazendo uma mostra virtual. Eles têm que mandar um vídeo com a apresentação deles. Eles são selecionados e, para se tornarem finalistas, precisam mandar um vídeo com a apresentação dos projetos pelos estudantes, um pôster no formato digital e toda aquela papelada que eles têm que mandar de permissão e tudo mais, que eles ficam enlouquecidos e a gente também, mas que faz parte do mundo atual. Nós temos toda uma preocupação dessa questão de proteção de dados.

Os trabalhos finalistas, depois de passarem por todo esse processo bastante rigoroso, criterioso, rigoroso no sentido de incentivar a melhoria, aí os finalistas vão e se apresentam na feira propriamente dita, que normalmente ocorre no último bimestre do ano, e são novamente avaliados, agora nessa avaliação presencial dos estudantes. É nessa avaliação presencial dos estudantes que são selecionados os que serão premiados. Nós temos 6 categorias, então, são avaliados dentro das suas categorias e são dadas as premiações, do primeiro ao quarto lugar, um prêmio especial de divulgação científica, que alinha a apresentação dos estudantes com a escrita do projeto. A gente vai lendo os projetos e vai anotando o que está bem escrito e depois casa com as notas, e um prêmio especial "meninas na ciência". Inclusive, só para fazer uma observação, nessa etapa em que eles enviam o relatório em formato de artigo, nós vemos, a equipe da FECTI, todos os projetos inscritos e sugerimos, solicitamos modificações, tanto para se encaixarem dentro do modelo, como pontos que não estão muito bem esclarecidos sobre a metodologia, resultados. E nós pedimos para que eles reelaborem esses artigos. Então, é uma troca muito intensa nesse momento que acreditamos que fazemos isso com muito esforço e dedicação de uma equipe pequena, mas que fazemos esse esforço de contribuir para essa melhoria nesse processo todo que passam. Quando a gente manda para avaliador externo, eles falam "nossa, está tão bom", mas é porque já reelaboraram o projeto e a gente vai nessa missão que a gente tem, que é difícil, que é árdua, mas que a gente acha que compensa, que vale a pena, que inclusive vai permitir que eles sejam melhor avaliados. Quando eles conseguem explicar melhor o projeto que eles estão escrevendo, eles conseguem ser melhor avaliados.

Sabemos que hoje a questão do uso indevido da imagem das pessoas pode trazer bastante problemas. Por outro lado, quase todo mundo anda com uma câmera fotográfica e uma filmadora em mãos. Então, como vocês lidam com o uso de imagens na feira?

Há muitos anos que a gente pede permissão de uso de imagem. Agora, nesse ano, só os professores podem se inscrever, e eles têm que ter uma autorização dos outros participantes para poderem fornecer os dados que são pedidos na ficha de inscrição. Então, a gente está sempre alinhado com a questão das legislações, dessas permissões, como a LGPD.

Como que a coordenação garante a diversidade e a representatividade dos projetos apresentados?

Na verdade, a gente tenta ir em feira afiliada também, isso é importante. A equipe vai nas feiras porque nós vemos projetos que têm grande potencial. Em algumas feiras grandes, já muito consolidadas, de escolas federais, a gente não precisa desempenhar esse papel, mas em outras, nós vamos. Alguém da equipe vai ajudar a selecionar esses projetos e como nós já estamos acostumados, digamos assim, temos um olhar clínico, nós vemos uns projetos que têm maior potencial e a gente orienta, nesse processo de seleção, quais são as melhorias que os projetos podem fazer. Nós falamos “ah, vocês obtiveram o resultado XYZ, agora faz um graficozinho, analisa esse gráfico e apresenta”. Então, nós fazemos todo esse processo. A gente faz muito processo de orientação nesse processo da FECTI, tanto na leitura do trabalho escrito como na saída das feiras afiliadas. A gente colabora, acredito firmemente nisso, que esses projetos que vêm de escolas que não têm mais tanto essa prática de pesquisa e essa preparação, que eles possam ser melhor elaborados e que eles possam ser melhor apresentados, portanto. E eu diria mais: eu acredito que a inclusão na FECTI está nas questões práticas também. No momento em que a gente dá alimentação para eles, porque nós temos há muitos anos, em todos os anos, uma predominância de projetos de escolas públicas. E como é que a gente garante que isso é um processo de inclusão importantíssimo? Se a gente considerar que as escolas públicas do Rio de Janeiro, a maior parte são de estudantes negros, e que se a gente considerar que a FECTI tem uma maioria estatística de estudantes meninas, a gente pode dizer que FECTI é uma feira com predominância de meninas negras, por causa desse perfil de escolas públicas e do perfil de uma maioria feminina. Então, nós temos muito orgulho disso. E como é que a gente consegue manter isso? Nós conseguimos manter, primeiro, garantindo a alimentação durante o evento, que é um dos custos absorvidos pela Fundação Cecierj. Esse ano, a Fundação CECIERJ está oferecendo hospedagem para os estudantes e os orientadores de escolas públicas do interior do estado, porque como a FECTI é em dois dias, essa hospedagem é muito importante para garantir a participação deles, senão os estudantes não teriam condições de participar. Então, como é que a gente garante essa diversidade? A gente garante também, além de dar esse apoio de orientação, dando o apoio logístico, prático, de infraestrutura, que é importante, porque sem isso não haveria a participação tão massiva de projetos de escolas públicas.

É bastante comum ouvir os professores falando da carga horária intensa que eles possuem e das dificuldades inerentes à profissão. Então, que tipo de recursos financeiros, materiais e mentorias são oferecidos aos participantes para ajudar no desenvolvimento dos projetos para a feira de ciências?

A gente dá esses recursos práticos, e nós também estamos trabalhando, agora mais intensivamente de alguns anos para cá, de fazer um trabalho junto com a Praça da Ciência Itinerante, que é outro projeto da Fundação CECIERJ. Nós temos um projeto fomentado pela Faperj em que a gente procura oferecer oficinas. São oficinas de disciplinas variadas que a praça da ciência itinerante oferece, e a equipe da FECTI oferece oficinas de desenvolvimento de projetos, escrita científica, fala também sobre feiras de ciências, e a ideia é envolver municípios que queiram fazer esse curso e ter uma culminância com feira de ciências. Então, a gente está trabalhando nisso. Esse ano está sendo um pouco difícil por conta das eleições municipais. A gente tem trabalhado muito alinhado com a Praça da Ciência Itinerante no sentido de oferecer essas oficinas para que eles tenham essa formação, para poder resolver projeto, para poderem depois passar

da FECTI. O município a gente já combinou. Vamos começar ano que vem, já que esse ano foi um pouco difícil, para fazer logo isso. A ideia do projeto é eles fazerem essas oficinas. Eles vão desenvolver projeto com os estudantes e vêm conversar com a gente sobre esse projeto que estão desenvolvendo, para nós darmos sugestão, poder mandar uma orientação, como que eles vão desenvolver. Nós fizemos isso em 2019 com um município que já fazia oficina há muito tempo para a feira da praça da ciência itinerante, que é um programa de formação continuada de professores que a fundação CECIERJ tem e nós complementamos. Eu fui como representante da FECTI complementar essa questão do projeto. Discutimos com os professores sobre os projetos, falamos sobre feira de ciência e esse município fez a sua primeira feira de ciências. Agora a gente está expandindo isso com esse projeto da Faperj. Sempre, como todo mundo trabalha na área, com muita força de vontade e pouca gente para trabalhar, mas tentamos fazer o máximo possível.

Esses treinamentos são temáticos, possuem algum tema específico?

Nós oferecemos o leque de oficinas da Praça da Ciência Itinerante. Agora foi ampliado, com a entrada de novos bolsistas, e temos as oficinas de desenvolvimento de projetos, escritas científicas e feiras de ciências que já estão estabelecidas, isso é tipo o obrigatório, e as outras da Praça, o município escolhe, segundo o interesse dele.

Diante dessa sua experiência tão vasta, na sua avaliação, quais são os maiores desafios que a coordenação enfrenta ao organizar a feira de ciências? Como eles têm sido superados ao longo desses 18 anos de existência?

Eu acho que o maior desafio sempre é ampliar o nosso público. A nossa pergunta é sempre “como que a gente vai conseguir uma inserção maior na ampliação da feira? ”, “como é que se faz essa comunicação? Porque é uma comunicação muito específica, e “como é que a gente consegue motivar o nosso público-alvo, que é ensino fundamental II, ensino médio técnico de escolas do estado do Rio de Janeiro? “. Então, como que a gente não só se comunica, mas como consegue também motivar, esse é um grande desafio que a gente tenta montar estratégias de comunicação, de divulgação e, além disso, sempre tem os desafios de equipe. Agora estamos tentando ampliar a nossa equipe e ter mais gente para trabalhar, e sempre a questão material, né? Dos recursos para fazer a feira em si, que é uma feira muito grande e exige muito recurso. Então, a gente tem contado com a Faperj desde a primeira edição. Sempre que a Faperj pôde conceder auxílio, concedeu. O CNPq, que concedeu auxílio na maioria dos anos e não concedeu no último ano para nós e para várias grandes feiras já consolidadas e antigas. Nós estamos tentando entender esses critérios e tentar melhorar a apresentação do nosso projeto para que seja inserido e a instituição também. Sempre, com umas diferenças que tem de recursos disponíveis, tem apoiado a feira, por exemplo, com a alimentação, que sempre tem que ser financiada pela instituição. Então, os grandes desafios são o aumento dessa inserção. A gente está sempre procurando métodos, como esse projeto, a gente vai nos municípios, como eu citei anteriormente, tentar comunicação com secretarias de educação ou ciência e tecnologia, dependendo do município. E a questão de parcerias, tentar parceria sempre com a secretaria de educação estadual, às vezes a gente consegue, às vezes a gente tem mais erros, às vezes tem menos êxito, mas a gente tenta. E essa questão prática de recursos, que todo ano é aquele desafio de se vai ter dinheiro.

E são desafios que se renovam. Porque embora a gente saiba o que vai acontecer, todo ano tem que pedir, tem que ter cuidado de botar no orçamento institucional. Todas essas coisas?

Pois é, então são esses os desafios que a gente vai... Eu, como coordenadora, tenho que submeter projeto à Faperj, ao CNPq, para conseguir recursos. Então, isso é um problema, porque se você não tem esse recurso, você tem um problema também de realização da feira. São os desafios de tentar entender as agências de fomento e ver como é que a gente vai conseguir sensibilizá-las para uma feira que vai, ano que vem, completar 20 anos de existência. É a 19ª edição ano que vem, mas são 20 anos. Começou em 2005, e a gente precisa provar a importância.

Ao longo dessa caminhada que você percorreu com a FECTI, houve alguma situação inesperada ou dificuldades significativas em edições anteriores? Como que a coordenação lidou com esses imponderáveis?

Eu acho que o grande desafio foi esse ano mesmo que a gente ficou sem verba do CNPq para fazer a feira e, por sorte nossa, a gente conseguiu resolver uma questão e conseguir ter verba da Faperj. Conseguimos remanejar alguns recursos desse outro projeto para a feira. Já tinha previsão para a feira nesse projeto da Faperj, outros recursos foram remanejados, foi aceito remanejamento, e a instituição vai cobrir a hospedagem que normalmente era feita com verba do CNPq. Então, esse foi o ano que eu achei "será que vai ter FECTI?", acho que foi um grande desafio. E nós, claro, tivemos os anos da pandemia que foi um desafio para todo mundo, que a gente teve que se reinventar, fazer a coisa virtual, que o pessoal acha que é fácil, né? E não, gente, foi muito difícil.

Nós trabalhamos muito mesmo para fazer a feira virtual. Foi um grande desafio. Trouxe algumas coisas bem positivas, que foi a gente melhorar a nossa plataforma em função disso, isso foi bom. A gente começou a fazer várias coisas pela plataforma que a gente fazia. Temos implementado a nossa amostra virtual, que está "bombando", teve 68.000 votos no ano passado nos projetos. Então, foi um grande desafio e foi muito difícil. Acho que todo mundo que é da equipe pode testemunhar que foi um trabalho de louco. Nós trabalhamos demais para poder viabilizar essa feira virtual, porque tinha que se adaptar ao novo modelo, ser tudo muito certinho, porque tem aqueles 5/10 minutos para apresentar um projeto, tem que estar tudo certo, tem que ter várias salas, tem que ter muita gente trabalhando, os meninos entrarem na sala, os avaliadores, então foi tudo muito difícil. A gente pôde contar com apoio da instituição, pôde contar com o apoio do CNPq, que ajudou muito na questão de bancar essa infraestrutura que precisava ser mais profissional para a gente poder fazer, mas que também trouxe essas coisas positivas da melhoria da plataforma com outras funções e essa amostra virtual. Nos desafios a gente vai se reinventando também.

A pandemia foi um desafio para todo mundo, e vocês conseguiram manter a continuidade da feira, apesar das condições adversas. Você já tinha dito que essa continuidade, a perenidade, é importante. Então, a despeito da pandemia, vocês conseguiram manter essa continuidade? Você acha que isso deve fazer diferença para que as pessoas continuem envolvidas com a FECTI?

A FECTI se tornar uma referência no estado, dar referência para as outras feiras que acontecem nos municípios, isso é importantíssimo. Então, a manutenção dela como uma feira anual é muito importante porque é uma referência. O professor faz projeto e pensa na FECTI.

Pensa na questão de que a FECTI pode indicar o seu projeto para a FEBRACE, para a MOSTRATEC, para a CIÊNCIA JOVEM, e com isso ele pode participar de outra feira. Tem toda essa questão da culminância das feiras na FECTI. Tem a questão desse interesse. O estudante quer mostrar o seu trabalho e o professor também, né? O professor quer mostrar o seu projeto, quer mostrar o seu esforço, normalmente ele faz aquilo no contraturno, aquele projeto de pesquisa, então a FECTI está ali, anual, como uma referência, é importantíssimo.

A gente tinha pensado numa pergunta que você, de certa forma, já respondeu, mas acho que vale a pena reforçar: quais as estratégias que a coordenação usa para promover o engajamento da comunidade e dos estudantes com a feiras de ciências, aumentando assim a participação? Você gostaria de complementar mais alguma coisa?

É o que eu sempre digo, eu não estou completamente satisfeita com isso. Acho que a gente tem que sempre procurar melhorar, então nós temos toda essa questão, participar das feiras, tentar fazer os cursos com os professores junto com a praça da ciência itinerante, dar a infraestrutura para que eles possam participar, mas a gente já está querendo desse trabalho a questão dessa comunicação no sentido de estimular a participação. Então, é uma coisa que eu acho que a gente tem que trabalhar mais para ter mais engajamento, tentar entender qual linguagem desses jovens e como alcançá-los, e acho que esse é um desafio.

Quando você se refere ao engajamento, você pensa mais em termos de alcançar mais municípios ou em termos de estudantes, independente de que município seja?

Na verdade, nas duas coisas. A FECTI trabalha nas duas formas: com essa participação avulso ou espontânea. A gente também trabalha com as feiras afiliadas. Então, na verdade, a gente trabalha em duas frentes: tanto essa questão de alcançar, a maior parte das feiras afiliadas são municipais ou de grandes colégios, então abrange mais escolas municipais, e nós temos um grande desafio ainda em alcançar a rede das escolas estaduais na SEEDUC. Isso é um grande desafio que a gente não desiste. A gente tenta, e inclusive agora a gente tem uma perspectiva no ano que vem: tem uma feira, a "Ler", que é organizada pela secretaria de educação do estado, e a gente estava combinando de participar, de a FECTI fazer uma amostra lá dentro para motivar aqueles estudantes, e eu espero que isso dê frutos. Nós também sempre procuramos municípios, para ver se eles fazem com a gente, se eles fazem uma feira, e tentar estimular isso, tentar essa participação.

Vamos agora falar um pouco de patrocínio, salvo o das agências de fomento. Então, existem patrocinadores para além das agências de fomento que contribuem com a realização da feira? Quais seriam os papéis desses patrocinadores ou parceiros? Como eles contribuem para o sucesso do evento?

Na verdade, na FECTI, a gente tem a própria instituição e tem as agências de fomento que são CNPq e a Faperj. Não temos patrocinadores, e nisso a gente ficou muito em função da questão de sermos um órgão público e termos essas restrições de ter patrocinadores externos, de iniciativa privada. É um terreno bastante engessado, que não vou discutir o mérito, porque é um órgão público e tem que ter esse tipo de cuidado sim sobre a questão de você ter patrocinadores

particulares. Nós chegamos a pensar alguns anos em ter esse tipo de patrocínio, não foi bem sucedido, não foi dentro da estrutura da instituição, não tinha espaço para isso, não tinha meios legais, então não temos patrocinadores externos devido a essa estrutura da própria instituição como órgão público.

Nesse sentido, nós sempre temos parceiros, por exemplo, quando a gente faz um evento como a gente vai fazer esse ano no CEFET. A gente está usando as instalações da instituição. Nós estamos usando a energia elétrica deles, a água, o espaço físico, uma parte do pessoal deles, porque a vigilância da portaria é deles, e toda uma questão que a gente tem essas parcerias. Então, essas parcerias que nós temos, que são normalmente com órgãos públicos também, né? Quando nós fizemos no Museu da República. A FECTI era com o Museu da República, na época da quinta da Boavista, que teve 2 anos. A FECTI era no Museu Nacional, que era nosso parceiro. Depois, nós fomos para o CEFET, que nós estamos voltando em 2024 para o CEFET. E em 2022 e 2018, nós fizemos no ISERJ, que é uma escola dentro da estrutura do estado do Rio de Janeiro, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do estado do Rio de Janeiro. Então, são parceiros os outros órgãos públicos e que nos apoiam com a infraestrutura do espaço e todo esse apoio.

Percebemos que os parceiros são fundamentais para a FECTI. Como você avalia o impacto da feira de ciências sobre os participantes, os visitantes e a comunidade em geral? Você tem algum retorno sobre a extensão da FECTI para a comunidade escolar da instituição parceira?

A gente não tem muito estudo sobre a questão dos visitantes. Nós temos alguns estudos sobre a participação. Primeiro que a gente faz levantamento estatístico da FECTI há muitos anos, então, a gente consegue ver como é que a participação ocorre. Por exemplo, nós temos esse projeto “meninas na ciência”, e temos tido um aumento de participação. Nós sempre temos mais meninas, tanto como estudantes, como professoras, mas a gente tem uma categoria em desenvolvimento em tecnologia na FECTI que abrange a área de engenharia e robótica, que talvez tenha outros fatores. A gente sempre tem que considerar, mas tem esse prêmio “menina na ciência”, que tem aumentado a participação percentual de meninas nessa categoria, aumentado muito, e a gente vê isso como um impacto positivo. Nós temos esses impactos de participação. Participação de escolas públicas, que tem se mantido. E a gente tem alguns estudos que fizemos, tanto a própria equipe, como em trabalhos de TCC, de cursos de pós-graduação, de avaliação de impacto nos estudantes, nos professores. Então, algumas avaliações como as que a gente fez nesses levantamentos sobre a melhoria do rendimento escolar dos estudantes que participam da FECTI, na melhoria da maturidade, do desenvolvimento deles com a escola, os professores também tendo uma visão de utilizar a FECTI como uma ferramenta pedagógica. A gente tem alguns levantamentos desses impactos de participação na FECTI nesse sentido.

A equipe da FECTI tem o hábito de coletar feedback dos participantes e visitantes depois do evento? Em caso positivo, como esse retorno é utilizado?

Não, dos visitantes, não. E dos outros participantes a gente coleta, normalmente, por meio dos professores. Algumas pesquisas nós já fizemos, mas não é sistemática, todo ano, a partir de algumas pesquisas uma coisa a se fazer. É aquela coisa sempre de poucas pernas e braços, mas a gente chega lá, quem sabe. Nós chegamos a botar um questionário numa plataforma da

FECTI para ver esse tipo de avaliação, mas isso não foi muito bem sucedido, talvez reformular o questionário ou divulgar melhor.

Esses dados contribuíram de alguma forma para a sua coordenação? Para a melhoria das feiras posteriores?

Acho que contribui. Sempre contribuem, né? Porque a gente consegue ver sempre que a gente tem uma análise do universo em que a gente está trabalhando. A gente consegue também pensar em novas ações, como que vamos fazer melhorias. Esse tipo de levantamento é extremamente importante. Nós temos alguns depoimentos espontâneos de meninas, por exemplo, de escola pública do interior do estado, que pretendiam só acabar o ensino médio e a partir da FECTI resolveram fazer uma faculdade, uma universidade. Nós temos alguns depoimentos de coordenadores de feira que a gente coleta, temos de professora que falou que resolveu fazer pós-graduação a partir da participação dela na FECTI, que inclusive fez um depoimento acho que na revista educação pública da fundação CECIERJ. Então, a gente tem esses depoimentos que acho que contribuem no sentido até de estimular quem faz a FECTI. Por que não, né? Porque a gente, de vez em quando, precisa de um incentivo. Mas nós temos. Acho que precisa aperfeiçoar, não sei se reeditar esse formulário que a gente botou na plataforma, divulgá-lo de alguma forma que era sobre levantamento e ter esse *feedback*, que todo o *feedback* sempre contribui a gente pensar como que a gente vai poder aperfeiçoar.

Você e a equipe de coordenação como um todo tem pensado em inovações ou mudanças para as próximas edições da feira? E caso tenha, tem alguma tendência ou uma nova abordagem que vocês gostariam de implementar?

A gente queria ampliar um pouquinho essa questão da inclusão. A gente estava tentando fazer algum contato com escolas quilombolas, escolas de comunidade indígena, para ver se a gente conseguia fazer algum mecanismo de haver inclusão. Acho que a inclusão da questão negra, como eu falei, quando a gente apoia a escola pública, a gente acaba incluindo, né? Mas tem algumas escolas que são mais isoladas, tipo quilombolas ou de comunidades de indígenas que têm no Rio de Janeiro e que a gente está pensando em tentar incluí-los de alguma forma. Então, esse ano a gente está pensando em ampliar um pouco essa questão. A gente tem intérprete de libras na abertura e no encerramento da FECTI, aí depende de uma questão financeira, mas estamos pensando talvez em botar na mesa redonda algum tipo de intérprete. Durante toda a feira, só se a gente tivesse uma parceria menos custosa, mas são essas preocupações que a gente tenta, de melhorar essa questão da inclusão, acho que é uma parte importante.

Como você vê o futuro das feiras de ciências e o seu papel na educação, no desenvolvimento científico?

Por incrível que pareça, feira de ciência é uma coisa antiga, da década de 1960, mas a gente vê muito interesse ainda, eles participam, eles gostam. Então, apesar de todas as mudanças que nós passamos nos últimos anos, de tecnologias, de modo de viver as coisas, eu vejo de uma forma muito positiva o papel das feiras de ciências para os próximos anos, porque a gente não vê diminuir, pelo contrário, vê aumentar o interesse. Como a gente está em uma época em que a

comunicação, às vezes, é muito partida, talvez seja uma questão etária minha, mas essa questão da feira, dos estudantes irem lá, apresentarem, falarem sobre o seu projeto, essa comunicação olho no olho que é tão importante e que, às vezes, falta na nossa sociedade. Então, eu vejo a feira como essa oportunidade dessa comunicação, dessa troca. Eu sempre vejo a FECTI como uma troca. Sempre a gente orienta os avaliadores “você não está aí só para avaliar, está ali para contribuir, para dar sugestão para os estudantes, para ter essa troca”. Então, como a gente está vendo o interesse não diminuir, ao contrário, eu vejo de uma forma muito positiva o papel das feiras da ciência. É uma coisa que se manteve do mundo antigo e do mundo novo.

É uma oportunidade, quando eles fazem trabalho de pesquisa, aprenderem a fazer uma análise crítica do que eles estão pesquisando, do que eles estão levantando, o que acho que vai contribuir para a vida toda deles. Quando eles vão ter um monte de informações na vida e vão ter aprendido no trabalho de pesquisa? Como é que eles avaliam aquela informação que chegou hoje? O que é uma fonte confiável? Como se faz uma pesquisa? Eu acho que nesse mundo em que eles recebem muita informação, é uma contribuição importante do trabalho de pesquisa para a feira de ciência.

Você gostaria de completar com alguma coisa, Vera? Porque também foi bem difícil a gente construir as perguntas, porque a gente conhece muito o projeto e aí se ficarmos isentas é complicado. Então, de repente, se a gente deixou escapar alguma coisa que você ache importante, coloque na revista, né? Para que as pessoas tenham acesso. Agora é a hora.

É, eu acho que vocês perguntaram basicamente tudo, foi bem completo.

Obrigada pela entrevista. É um prazer falar e ouvir sobre a FECTI. É um programa institucional do qual a gente se orgulha muito.